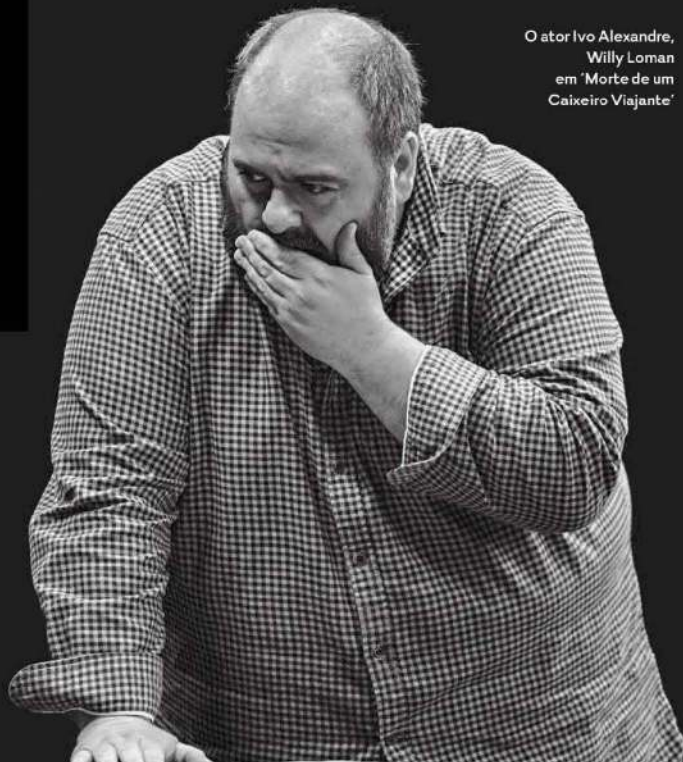


## Teatro &amp; Dança

O ator Ivo Alexandre,  
Willy Loman  
em 'Morte de um  
Caixeiro Viajante'



DIOGO BRANCO

## Como todos nós

A peça de Arthur Miller é uma imagem, e uma narrativa, de como pode ser trágica a vida dos seres humanos

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Num curto artigo de 1998 (“Arthur Miller’s ‘Death of a Salesman’: a Celebration”, disponível *online*), Joyce Carol Oates escreve sobre “Morte de um Caixeiro Viajante” de uma maneira que, na sua concisão e pertinência, parece resumir muito daquilo que se pode dizer ou pensar sobre a peça de Arthur Miller, estreada em Nova Iorque em 1949. A escritora começa por referir o carácter universal da peça. Vem lembrar-nos que Arthur Miller escreveu não só sobre um caixeiro viajante que morre; lembra-nos que aquele caixeiro viajante é toda e qualquer pessoa, pode ser um de nós. J.C.O. refere, quase logo de seguida, que essa pessoa ali representada é um ser de palavras, não apenas porque

existe enquanto produto de escrita, mas também porque o cerne da sua existência como personagem depende das palavras que diz; são elas, as palavras, que são Willy Loman, o ‘caixeiro viajante’. Por isso, escreve J.C.O., a peça tem qualquer coisa a ver com a criação artística, nomeadamente com o mundo dos escritores; não só porque no seu universo os limites do real, do trivial, são eliminados — o presente e o passado coexistem no texto e nos diálogos, o interior e o exterior também, quer quanto a espaços físicos quer quanto a espaços psicológicos e mentais; também porque, tal como na criação artística, o mundo de Willy, o caixeiro viajante, vai muito para lá de qualquer razoabilidade ou verosimilhança, no interior

da história que nos é contada. É, também, produto da imaginação e da fantasia.

É assim que, em grande medida, nascem os conflitos e se instala a tragédia. Willy Loman constrói um universo ideal onde coloca não apenas a sua existência individual, como a existência de Biff, o filho mais velho — “como um jovem deus, Hércules ou qualquer coisa assim. E o sol, o brilho à volta dele”. Infelizmente, as circunstâncias, na peça, desmentem brutalmente tais construções do desejo e da imaginação da personagem.

Um outro traço que decorre do texto de Joyce Carol Oates tem a ver com o ato de leitura. Para a escritora, a “Morte de um Caixeiro Viajante”, como muitas outras peças de teatro, foi lida, antes de ser vista. Qualquer peça de teatro, enquanto material escrito, pode ser ‘apenas’ lida. A sua leitura, contudo, como não deixa de referir a escritora, é uma leitura algo peculiar, estimula a imaginação do leitor mais intensamente, porventura, do que a leitura de outros textos. Uma das características mais salientes da peça de Arthur Miller é a maneira como facilmente se presta a ser lida, independentemente de a vermos ou não representada.

E, como Oates não poderia deixar de referir, existe na peça uma reflexão sobre a condição humana que, elevando as personagens a um estatuto simbólico, cria com elas uma imagem cruel e trágica da vida dos homens. É uma imagem em que o comprar e vender, que está no cerne das trocas comerciais, que estrutura as sociedades, pode acabar por se transformar numa perversão, quando avassala de tal maneira as existências que, fora de qualquer expressão quantitativa, a vida deixa de ser possível; quando esse tipo de troca e de quantificação, aliado àquilo que Joyce Carol Oates chama pejorativamente “relações públicas”, passa a ser “hipocrisia, engano, fraude”. Como diz Biff, o filho mais velho, “eu não sei o que é o futuro. Eu não sei o que é suposto eu querer... O problema é que não fomos criados para andar a esgaravar por dinheiro. Não sei como é que se faz.” Não admira que a morte esteja presente na peça, do princípio ao fim.

Carlos Pimenta é o encenador. A interpretação é de Ivo Alexandre, Lígia Roque, Diogo Branco, Diogo Freitas, Tiago Sarmento, entre outros. ●

MORTE DE UM  
CAIXEIRO VIAJANTE

De Arthur Miller

Teatro Municipal Joaquim Benite,  
Almada, de 13 de abril a 6 de maio